Os vários ciclos do agronegócio

A arrancada recente do agronegócio é motivada por uma série de fatores microeconômicos e macroeconômicos, que vão desde a capacidade de gestão e tecnologia nas unidades produtivas até a política de desvalorização da moeda, após o período de equiparação do real com o dólar. Há ainda as epidemias globais e os problemas sanitários na Europa, Ásia e nos Estados Unidos. Por sua vez, a entrada da China na Organização Mundial do Comércio trouxe nova dinâmica para as transações internacionais.

Com os mercados mais abertos para seus produtos, o Brasil tenta incorporar uma cultura exportadora, por meio de um trabalho competente nas áreas de fruticultura, floricultura e pescados. Essas cadeias produtivas diversificam a pauta nacional de exportação em itens com maior valor agregado. A respeito de flores, **Agroanalysis** traz uma síntese dos principais elementos de seu plano estratégico de desenvolvimento no País.

Com tudo isso, no agronegócio, as exportações correspondem de 25% a 30% do seu valor bruto de produção. Em um passado bem recente, a situação não era assim. O desempenho exportador ficava centrado em algumas *commodities*.

As recentes ponderações de que o agronegócio está principiando um ciclo de baixa constituem um eloqüente equívoco, pois representam uma análise sem base de sustentação. O fato de o setor de grãos, sobretudo, a cultura de soja, apresentar uma margem mais apertada e ficar inviabilizado em alguns lugares deste imenso país, não permite generalização. São muitas as cadeias produtivas fortes no agronegócio nacional, sem sinais de fragilidade. Café e laranja estavam em baixa e, agora, melhoraram. A atividade sucroalcooleira vive um momento muito promissor. E por ai vai!

A movimentação das cadeias produtivas não deve seguir, necessariamente, numa única direção e num só sentido, pois as variáveis que lhes imprimem força não são as mesmas.

Apesar das dificuldades em todas as projeções traçadas no País, a safra de 2004/05 de cereais e oleaginosas está aumentando em produção. A expansão da área não será similar à prevista no início do ano, e nem mesmo está acompanhando o ritmo das três últimas colheitas: crescimento de 11,0 milhões de hectares. Pode ser até uma notícia alvissareira, pois os gargalos a serem desobstruídos ainda permanecem, em particular, na infra-estrutura. Fica diminuído o risco da crise de abundância.

Nos corredores dos ministérios, costumam ser peculiares os sussurros ao pé do ouvido. No Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, versa a história de que os presságios negativos das autoridades governamentais, com base no contexto do plantio, terminam sem concretização na colheita. Com efeito, durante o ciclo de produção das lavouras, o quadro conjuntural do campo e do mercado sempre passa por algumas mudanças imprevisíveis.

Novamente, **Agroanalysis** chama a atenção para a premência da retomada dos investimentos no País. As contribuições e os recolhimentos dos cidadãos praticamente dobraram nos últimos dez anos, enquanto o Brasil assiste à paralisia e ao sucateamento da sua infra-estrutura. É prioritário que o Congresso coloque em sua agenda a definição dos marcos regulamentares, como as Parcerias Público-Privadas e a Lei de Biossegurança. Ambas são fundamentais para o desenvolvimento do agronegócio. A indefinição jurídica retarda os planos de inversões das empresas.

Outros temas merecem destaque: as mudanças em curso e a evolução histórica da cadeia do leite e da cultura da maçã; a força adicionada ao Protocolo de Kyoto, com sua aprovação no Parlamento russo; a parafernália logística que afeta a distribuição do trigo no País; as parcerias internacionais da Embrapa e o trabalho do SEBRAE no setor da soja. ■